

RIO GRANDE DO SUL

Exportações registram queda de 5% em julho

Ao contrário dos dois meses anteriores, valor da venda ao exterior encolheu em US\$ 92,1 milhões

Ao contrário dos dois meses anteriores, as exportações gaúchas tiveram retração de 5,1% em julho, informou ontem a Fundação de Economia e Estatística (FEE). Ao todo, o valor exportado foi de 1,734 bilhão de dólares, o que representou retração de 92,1 milhões de dólares na comparação com igual mês em 2015. Em volume a retração foi de 4,4% e os preços médios dos produtos encolheram 0,7%.

A soja em grão, principal item da categoria de produtos básicos, teve contribuição decisiva para o resultado e evitou um agravamento na queda das receitas do RS. O crescimento de 11,9% do preço do grão no mês, mesmo com recuo de 1,5% no vo-



ALAN BASTOS / ESPECIAL / CP MEMÓRIA
Em volume também há recuo de 4%

lume embarcado, contribuiu para o avanço de 65,9 milhões de dólares (10,2%), atingindo o maior valor exportado para julho. Na prática a soja representou 41,1% de tudo que foi vendido pelo Rio Grande do Sul.

Segundo o pesquisador do Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais da FEE, Tomás Torezani, o ponto positivo é que a intensa

retração dos preços, que teve início em 2014, começa a apresentar sinais de desaceleração. "Ainda assim foi a menor receita em dólar para um mês de julho desde 2010", assinalou.

Apesar das retrações nos dados, o RS ganhou participação nas exportações nacionais, passando de 9,9% (2015) para 10,6% (2016). Torezani explica que isso ocorre porque outros estados tiveram retrações maiores no mesmo período. Os produtos manufaturados foram os responsáveis pela redução no valor exportado pelo Estado. A baixa chegou a 20,5% em valor e a 7% em volume. Produtos básicos e semimanufaturados tiveram crescimento, respectivamente, de 36,1 milhões de dólares e de 9,2 milhões de dólares.

O destaque dos produtos básicos foi a alta de 7,8% dos preços de exportação em relação a julho de 2015. Desconsiderando o crescimento do mês passado (de 0,8%), o último aumento verificado nos preços tinha ocorrido em agosto de 2014: 2,3%.



ELIO GASPARI

Precisa-se de uma oposição

Começa amanhã o julgamento de Dilma Rousseff. Ela será condenada. Os julgamentos que decidem o destino dos presidentes são políticos. Formalmente, Dilma será deposta pelo desmembramento de sua contabilidade criativa, mas sempre será repetida a frase da senadora Rose de Freitas, líder do governo de Michel Temer no Senado: "Na minha tese, não teve esse negócio de pedalada, o que teve foi um país paralisado, sem direção e sem base nenhuma para administrar".

Pura verdade, que pode ser contraposta a outro julgamento de impeachment de um presidente, o de Bill Clinton em 1999. Ele era acusado de práticas mais simples, comuns e disseminadas do que as "pedaladas fiscais". Uma pessoa pode não entender de contabilidade pública, mas entende o que a estagiária Monica Lewinsky fazia com o presidente dos Estados Unidos na Casa Branca. Clinton foi absolvido porque o país não estava paralisado, e a renda per capita dos americanos cresceu enquanto a dívida pública encolheu. Com Dilma, aconteceu o contrário. Todo mundo sabia o que Clinton fez e, apesar disso, achou-se que deveria continuar. No caso de Dilma, não se sabe direito o que eram as pedaladas, mas acha-se que ela deve ir embora.

Quando Dilma entregar as chaves do Palácio da Alvorada, estará encerrado um ciclo de 13 anos de poder do Partido dos Trabalhadores. Em 2003, Lula vestiu a faixa, e a oposição foi para o poder. Hoje ninguém haverá de dizer o mesmo. Michel Temer era o vice-presidente de Dilma, e seu primeiro escalão ampara-se em figuras que sustentaram o comissariado petista. Henrique Meirelles presidiu o Banco Central de Lula, Eliseu Padilha e Gilberto Kassab foram ministros de Dilma. Mudança imediata, drástica e irreversível, só a do garçom Catalão, do Palácio do Planalto, que hoje está no gabinete da senadora Kátia Abreu, ministra de Dilma e adversária do impeachment.

O PT foi apeado do governo e, de uma maneira geral, abriu espaço para quem nunca saiu dele. O tempo dirá quanto custou ao comissariado o inchaço de sua base de apoio e, sobretudo, a expansão de seus interesses pecuniários. Lula e Dilma viveram o engano de um governo com o mínimo possível de oposição. Depostos, Dilma cuidará da vida, Lula tentará se reinventar, mas alguns comissários sabem que suas carreiras estão encerradas. Outros seguem a ordem de batalha do coronel Tamarindo em Canudos: "É tempo de murici, cada um cuide de si". Astro dessa categoria é Cândido Vaccarezza, líder do PT na Câmara até 2014, quando perdeu a eleição. Deixou o partido e aninhou-se na campanha de Celso Russomanno (PRB) pela Prefeitura de São Paulo.

Cortando aqui e perdendo ali, sobra uma militância cujas raízes estão nos anos 70 do século passado. Defendiam o fim da unicidade sindical, a reforma da CLT, as negociações diretas entre empresas e trabalhadores e tinham horror a empreiteiros. (A recíproca era verdadeira.) Esse era um tempo em que os sindicalistas do PT eram bancários. Com o acesso aos fundos estatais, alguns viraram banqueiros e, como João Vaccari Neto, ex-tesoureiro do partido, estão na cadeia.

Oposição, com algumas ideias na cabeça e pouco dinheiro no bolso, é tudo o que o Brasil precisa.

Dilma será deposta, Lula está nas cordas, acabou-se o ciclo de poder do PT e ninguém sabe para onde ele vai

APEDIDO

MANIFESTO EM DEFESA DA FDRH

Nos últimos meses nota-se que uma parcela dos meios de comunicação tem se preocupado em divulgar informações equivocadas sobre a Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos que não correspondem a sua realidade.

Ao contrário do que vem sendo veiculado, a FDRH permanece atuando de forma plena na qualificação dos servidores públicos, integração do estudante no mercado de trabalho mediante a facilitação na contratação de estagiários para a Administração Direta e Indireta do Estado e concursos públicos.

Em 43 anos de história, a FDRH contribui imensamente para o aprimoramento do quadro de servidores do Rio Grande do Sul e desde 2007, através da Escola de Governo, capacitou cerca de 50.000 servidores públicos e agentes sociais, otimizando a qualidade do serviço público prestado à sociedade gaúcha. Igualmente, na condição de organizadora de processos de contratação de pessoal, jamais ocorreu a anulação de um concurso público, o que demonstra a sua capacidade técnica e reputação ético-profissional.

Por essas razões os servidores da FDRH, conscientes do seu papel de colaboradores para a modernização e efetivação da gestão pública do Rio Grande do Sul, reafirmam o compromisso assumido ao ingressar no serviço público: primar pela excelência, idoneidade, segurança e transparência no desenvolvimento de seus trabalhos.

Os serviços públicos são desenvolvidos por pessoas, sendo assim, o caminho para o Estado prestar serviços mais eficientes à sociedade passa pela FDRH, que é a instituição responsável pela qualificação e aperfeiçoamento dos servidores públicos.

ASFDRH – Associação dos Servidores da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos



SINDICATO DOS EMPREGADOS EM EMPRESAS DE ACESSORAMENTO,

S E M A P I

PERÍCIAS, INFORMAÇÕES E PESQUISAS E DE FUNDAÇÕES ESTADUAIS DO RS

ANDRÉ MELLO / ESPECIAL / CP

